

## **O SÉCULO DE VOLTAIRE E DE ROUSSEAU: REFLEXÕES EM TORNO DA RECEPÇÃO DE FRANÇOIS-MARIE AROUET E DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU EM PORTUGAL**

François-Marie Arouet, dito Voltaire, e Jean-Jacques Rousseau não partilham apenas em vida uma mesma cadeia temporal, a do século XVIII, que se termina, para ambos, no ano de 1778, eles partilham sobretudo um mesmo espaço cultural que ultrapassa os limites cronológicos de Setecentos.

Esta constatação que é já um estereótipo em termos de estudos críticos, permite-nos, no entanto, tomar consciência de um conjunto de coordenadas presentes na sua difusão, as quais remetem para algumas constantes no processo de recepção de cada um destes vultos. A eleição de tais constantes procede da pesquisa por nós empreendida no domínio da recepção em Portugal da obra rousseauiana e do cotejo com os resultados obtidos e trabalhados por Ferreira de Brito em **Voltaire na Cultura Portuguesa. Os Tempos e os Modos** (1). É pois à volta desta questão que nos propomos reflectir sumariamente nas páginas deste artigo.

Figuras de proa que nunca chegaram a um entendimento pessoal, prossequindo conflituosamente, um em relação ao outro, os seus próprios percursos, os destinatários das suas obras apreendem-nos, de modo sistemático, um em função do outro.

A responsabilidade do confronto, quase permanente, entre Voltaire e Rousseau, a que os seus leitores lançam mão, pode ser-lhes desde logo atribuída. Com efeito, os piropos desagradáveis com que ambos se mimoseiam — Voltaire em particular — multiplicam-se ao longo dos anos, provocados quase sempre pela publicação de um novo texto de Rousseau, com a sua postura marginal em relação ao século e aos filósofos da época. A troca de galhardetes, que a bem dizer se institucionaliza, vai revestir sobretudo formas epistolares e ficcionais, com ou sem o auxílio de intermediários.

Quando Rousseau entra no mundo das letras, bem depois de um Voltaire já com prestígio consolidado, fá-lo instaurando de imediato a polémica, com o seu **Discours sur les Sciences et les Arts** (1750). Tal como afirma Raymond Trousson, "Les débuts de Rousseau sont donc inséparables de la polémique, de la controverse et de la satire; son succès est fait de tapage et de scandale bien plus que de considération pour une oeuvre qu'on se refuse à prendre au sérieux" (2). Ora Voltaire, enquanto leitor de Rousseau, integra-se inicialmente no grupo dos que de algum modo desprezam as suas asserções sobre o estádio de desenvolvimento das ciências e das artes que são, na opinião de Jean-Jacques, sinal de decadên-

cia civilizacional e de uma degradação dos valores. De facto, não é com os arranjos da ópera de Rameau e Voltaire, **Les Fêtes de Ramire** (1745), que Rousseau entra na vida de Voltaire. É somente após ter sido consagrado com o prémio de moral da Académie de Dijon pelo seu **Discours** que Rousseau conquista o direito a um lugar na república das letras e leva o olhar de François-Marie Arouet a pousar-se nele (3).

E, em 1755, ao sair à luz o seu **Discours sur l'Origine et les Fondements de l'Inégalité parmi les Hommes**, Voltaire, em resposta, escreve a irónica carta tão conhecida de todos, na qual afirma: "J'ai reçu, Monsieur, votre nouveau livre contre le genre humain; je vous en remercie (...). On n'a jamais tant employé d'esprit à vouloir nous rendre bêtes. / Il prend envie de marcher à quatre pattes quand on lit votre ouvrage. Cependant comme il y a plus de soixante ans que j'en ai perdu l'habitude, je sens malheureusement qu'il m'est impossible de la reprendre. Et je laisse cette allure naturelle à ceux qui en sont plus dignes, que vous et moi" (4).

Em 1756, tem lugar um novo episódio. Desta feita, é Rousseau quem escreve a Voltaire, em carta de 18 de Agosto, após a leitura do "Poème sur la loi naturelle" e do "Poème sur le désastre de Lisbonne", textos de François-Marie que provocam em Jean-Jacques a necessidade de uma resposta consubstanciada na "Lettre de Jean-Jacques Rousseau à M. de Voltaire" ou "Lettre sur la Providence"; oportunidade para questionar Voltaire sobre as suas convicções, e oportunidade também para Rousseau explicar os seus próprios pontos de vista sobre a existência e responsabilidade do Mal.

Não se ficam, porém, por aqui as divergências entre ambos. A implementação do teatro em Genève, donde Rousseau é natural, implementação incentivada em "Genève", artigo da pena de d'Alembert, em parte de autoria moral voltairiana, e integrado na **Encyclopédie**, vai reacender de novo a fogueira, pois levará à famosa "Lettre à d'Alembert sur les spectacles" (1758). Esta missiva, se tem como destinatário explícito o enciclopedista d'Alembert, deixa também supor como destinatário François-Marie Arouet. Rousseau procura, nesta carta, alertar para os inúmeros perigos que, na sua opinião, o teatro apresenta, já que nem todo o tipo de manifestação dramática preserva a virtude dos cidadãos.

O antagonismo entre Voltaire e Rousseau não dá todavia lugar a uma mera troca epistolar; ele gera também uma criação ficcional. **Timon** e **Candide** de Voltaire vão de algum modo dar corpo a múltiplas posições rousseaunianas, tratadas com frequência de modo caricatural. Voltaire e Rousseau fazem então do conflito que entre ambos se instaura, um conflito produtivo e que conduz ao aparecimento de novas obras de carácter quer ficcional — sobretudo em Voltaire — quer ideológico-doutrinário — sobretudo em Rousseau (5).

É ainda importante notar que as missivas trocadas acabam por sair da esfera do privado e são difundidas no meio intelectual da época, condicionando desta forma outros destinatários da obra voltairiana e rousseauiana. Na verdade, a leitura parcial, jocosa e portanto demasiado dirigida que Voltaire faz das obras de Jean-Jacques, vai desde logo orientar e traçar caminhos na recepção de Rousseau; e temos então o Rousseau lido e julgado à luz de Voltaire. Destinatários mútuos, eles tornam-se assim leitores especiais — à semelhança do crítico — na medida em que dadas a conhecer as suas leituras, elas vão determinar a abordagem das obras que *a posteriori* o público leitor empreende.

Outro aspecto curioso, digno de reflexão, é o facto da vida e personalidade de Voltaire e Rousseau estarem também na base da instauração destas relações entre ambos e entrarem em linha de conta na recepção das suas obras por outros destinatários. O cosmopolitismo de Voltaire e a marginalidade voluntariamente solitária de Rousseau constituem dados a considerar no modo como as suas obras são lidas.

Os leitores de Voltaire e Rousseau, tal como eles próprios, são simultaneamente espectadores — este facto é particularmente verdadeiro para os leitores seus contemporâneos —, pois na verdade o seu modo de recepção não tem como base somente os textos, mas ainda os actos e posições assumidas pelos autores e, desta forma, Voltaire e Rousseau leitores que são um do outro, juntamente com outros leitores, vão ironicamente criar um espaço de confluência e de partilha para os dois expoentes do século das Luzes. É então o facto de as suas obras serem vistas através da biografia uma das constantes no processo de recepção de François-Marie e de Jean-Jacques. A biografia funciona assim como prisma de refacção.

O signo de discórdia, tão presente nas suas vidas, perdurará durante largo tempo na recepção de Voltaire e Rousseau: ambos possuirão inúmeros seguidores e detractores. As suas obras não deixarão ficar indiferentes aqueles que as lerem; ou se adere ou se rejeita e, como o demonstra Ferreira de Brito em **Voltaire na Cultura Portuguesa. Os tempos e os Modos** (6), no que diz respeito à voltairomania e voltairofobia, assiste-se a uma situação de coexistência que não impede por vezes o ascendente de uma tendência sobre outra.

Outra constante, na recepção de Voltaire e Rousseau, não só em Portugal mas também em espaço peninsular, reside no facto de ambos serem considerados autores subversivos e portanto perigosos, perspectiva que não é exclusiva de um meio eclesiástico, mas que é também comungada pelo poder governativo instituído. Com efeito, eles constituem-se, ao seu tempo, como um atentado contra a religião e um poder ainda bastante eivado de teocracia. Acusados de deísmo, acabam por partilhar o mesmo estigma:

os seus livros serão proibidos, visto que os seus autores são apodados de ímpios, obscenos, heréticos, o que, aliás, não lhes é exclusivo. No século XVIII, elege-se toda uma plêiade de escritores que é vista como defensora do deísmo, do materialismo ou do ateísmo; incluem-se nesse grupo, por exemplo, enciclopedistas como Diderot ou d'Alembert, para tão só referirmos autores que se situam no panorama cultural francês.

Assim, um dos objectivos a alcançar por parte das entidades respectivas é o de impedir a circulação das suas ideias. A Real Mesa Censória, mais tarde transformada na Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros, por regimento de 18 de Maio de 1768, tinha como uma das suas atribuições a indicação dos livros a constar no *Index Expurgatório*; ora alguns dos critérios que estavam na base da selecção que este órgão de censura adoptava, consignavam como obras defesas, os livros de certos ateus, os livros obscenos que corrompiam os costumes e a moral do país, os que atentavam contra as formas de poder estabelecido, os livros heréticos e ímpios e também "Eram proibidos as obras "dos Perversos Filósofos destes últimos tempos" com as suas "metafísicas tendentes ao Pirronismo, ou incredulidade, à impiedade, ou à libertinagem, pretendendo reduzir a Onnipotência divina e os seus Mistérios e Prodígios à limitada esfera da compreensão humana" (7).

Como é óbvio, Voltaire e Rousseau não poderiam de modo algum escapar a malha tão apertada e, para além disso, Portugal e Espanha faziam-se também eles eco das interdições a obras destes autores promulgadas em França. Porém, lá como cá — embora mais lá do que cá — as obras circulavam através de subterfúgios vários e eram por isso lidas, muito embora por um público restrito (8). Se consultarmos o **Catálogo dos livros defesos neste Reino, desde o dia da Criação da Real Mesa Censória até ao presente** e que vigora de 1768 a 1814, verificamos que a obra voltairiana e rousseauiana ocupa um lugar de destaque e é quase na sua totalidade proibida (9): a **Henriade**, **Candide**, as **Lettres Philosophiques**, o **Poème sur le désastre de Lisbonne**, o **Dictionnaire Philosophique**, **Julie ou la Nouvelle Héloïse**, **Émile ou de l'Éducation**, **Les Confessions**, as **Lettres écrites de la Montagne**, **Du Contrat Social**, o **Discours sur l'Origine et les Fondements de l'Inégalité parmi les Hommes**, são algumas das obras indexadas. Da consulta do catálogo referido há ainda a salientar a interdição de textos que se debruçam sobre estes autores ou sobre obras da sua autoria, dado este que mostra bem a preocupação em tornar asséptica a vida cultural portuguesa.

François-Marie Arouet e Jean-Jacques Rousseau partilham então o espaço dos Editais portugueses que no século XVIII são distribuídos em Portugal, e tome-se apenas como exemplo o **Editai da Real Meza Censoria**, datado de 24 de Setembro de 1770, em que as obras presentes no **Catálogo**

de novo pontuam, e onde se observa: "E por quanto me constou que muitos dos referidos Escritos, abomináveis produções da incredulidade, e da libertinagem de homens tão temerarios, e soberbos, que se denominão *Espíritos Fortes*, e se attribuem o especifico titulo de *Filosophos*; depois de terem soçobrado os Paizes mais proximos ao seu nascimento, haviam chegado a penetrar neste Reino por caminhos indirectos, e occultos; havendo mandado proceder com a mais exacta diligencia no exame delles, constou pelas censuras conterem huma doutrina impia, falsa, temeraria, blasfema, heretica, cismatica, sediciosa, ofensiva da paz, e sossego publico (...)" (10), é pois necessária a sua apreensão e interdição.

Figuras proeminentes no universo cultural do século XVIII, eles tornam-se o par desavindo mais atacado pela literatura apologética então florescente. **Dissertação sobre a alma racional onde se mostram os sólidos fundamentos da sua Imortalidade e se refutam os erros dos Materialistas Antigos** (1778) ou **o Defensor da Religião em Disputa com os Incredulos** (1836) manifestam bem essa bipartição da responsabilidade entre Voltaire e Rousseau no que concerne aos atentados à moral, à religião e ao poder vigente.

A eclosão da Revolução Francesa vai marcar uma nova etapa na difusão dos autores do **Dictionnaire Philosophique** e do **Contrat Social**. O evento de 1789, onze anos após a morte de ambos, sentirá a necessidade de encontrar e eleger os seus autores morais. Voltaire e Rousseau serão então apontados como estando na origem deste acontecimento que tanto mudou a face do mundo, olhados que são também enquanto instauradores de um fenómeno de renovação não só em França como em toda a Europa. O endeusamento que em França se verifica de Jean-Jacques Rousseau, no seio dos partidários da Revolução, torna-se na verdade um fenómeno significativo e condicionador de uma imagem que circulará além fronteiras e que fará de Rousseau um personagem ainda mais odiado pelos defensores de um regime monárquico.

Se durante o período revolucionário Voltaire e Rousseau são glorificados, à excepção dos que viram os seus privilégios e convicções abalados, no período pós-revolucionário eles funcionarão como bodes expiatórios, como os causadores de todo o mal perpetrado. De qualquer modo, surgem frequentemente associados a este acontecimento. Ainda em 1858, em artigo saído no **Archivo Pittoresco** e intitulado "Rousseau e a Revolução Franceza" afirma arbitrariamente o seu autor anónimo: "A primeira epocha da revolução franceza foi toda destruição: pertenceu a Voltaire. A segunda epocha foi de reconstrução social: pertenceu a Rousseau" (11).

François-Marie Arouet e Jean-Jacques Rousseau vão fazendo caminho juntos até mesmo no século XIX. Vão perdendo o seu valor enquanto modelos, enquanto fonte geradora de criação ideológica ou literária, mas

vão conservando e por vezes engrandecendo o carácter mítico que os seus receptores foram construindo, em particular na viragem do século. Com efeito, ao longo de Oitocentos, eles funcionarão sempre como referências culturais de primeiro plano, mas já de um tempo passado, mesmo se não tão lidos, mesmo quando, no caso de Rousseau, o centenário da morte quase passa despercebido em terra lusa, ao contrário do que sucede com Voltaire. As suas efígies têm lugar cativo na galeria mental dos literatos e intelectuais do tempo, funcionando como pontos de referência, como termos de comparação quando se trata de escrever sobre outro autor da mesma época. Veja-se o que acontece em 1858 no **Archivo Pittoresco**, periódico que acolhe um artigo de D. Miguel Souto-Mayor sobre Bernardin de Saint-Pierre. Para falar do autor de **Paul et Virginie**, ocupa-se dois quintos do texto com Voltaire e Rousseau (12). Com Teófilo Braga o mesmo se passa quando na **Revista de Estudos Livres** publica uma notícia-estudo alusiva a Diderot, por ocasião do primeiro centenário da sua morte. Teófilo procura ao longo do seu texto demonstrar a importância de que a acção de Diderot se revestiu enquanto síntese da sua época: "Esse vulto extraordinário que fecundou a actividade do seculo em todas as suas manifestações, foi Diderot; se os que estão emancipados de todos os preconceitos theologicos, e na lucta actual contra o clericalismo para a emancipação da esphera civil, tomaram a glorificação de Voltaire como a senha de confiança nas suas fileiras; se os que se libertaram dos preconceitos do privilegio de nascimento demolindo essa outra ficção da Realeza hereditaria ou dynastica, organisando o poder pelo acordo da vontade de todos na Democracia, foram encontrar na glorificação secular de Rousseau o sentido da sua convergencia activa nas luctas do suffragio; depois d'estas commemorações competia á Philosophia positiva, como synthese constructiva do seculo XIX, proclamar o nome de Diderot, como o da intelligencia mais lucida que em toda a actividade negativa do seculo XVIII trabalhou de modo directo para a reorganisação moral da sociedade" (13). E todo o texto se estriba num cotejo entre Voltaire-Rousseau e Diderot. Os dois escritores de Setecentos funcionam na verdade como bitola, mesmo quando se recusa a sua operância na actualidade.

Por fim, é curioso observar que no percurso de recepção de Voltaire e de Rousseau, o fenómeno de tradução das suas obras nos séculos XIX e XX, é também ele revelador de um estatuto que se circunscreve cada vez mais ao espaço do mito. De facto, o Oitocentos português regista um interesse tradutor por estes dois escritores bastante atenuado.

De Voltaire traduz-se a sua obra teatral, pois o seu pensamento deixa de suscitar tanto interesse. Rousseau, por seu turno, só conhece quatro traduções relativas no entanto a três obras. Justificadas pelos alvares do Liberalismo, **Du Contrat Social** regista em 1821 duas versões e, no ano

de 1837, uma obra mais ligada a uma sensibilidade romântica então emergente conhece idêntica sorte: **Julie ou la Nouvelle Héloïse**. De Rousseau surge, em 1801, uma quarta edição da tradução das suas **Lettres Élémentaires sur la Botanique**, obra inofensiva que certamente interessou um público leitor bem restrito. Vemos deste modo que, particularmente no que diz respeito a Voltaire, as obras que suscitaram polémica não são traduzidas, decerto por já não ser tempo delas (14).

No nosso século, de novo encontramos similitudes nas rotas percorridas pelas obras de Rousseau e Voltaire no que concerne ao processo tradutor. Na verdade, existem pontos de contacto já que ambos são novamente vertidos para português a partir de 1940 e, curiosamente, assiste-se à tradução de textos de carácter ensaístico que marcaram ideológica e filosoficamente a sua época bem como as gerações vindouras. Em 1941 publica-se a versão dos **Dialogues Philosophiques** e em 1966 o **Dictionnaire Philosophique**; de Rousseau aparece, em tradução antológica da responsabilidade de António Sérgio, o **Emile**, no ano de 1940, e na sequência da comemoração dos 250 anos do seu nascimento, José Pecegueiro traduz, em 1966, o **Discours sur l'origine de l'inégalité parmi les hommes**. Ainda neste mesmo ano **Du Contrat Social** é também objecto de uma versão, conhecendo esta obra outras versões posteriores. Redescobre-se como vemos, em meados do século XX, os vultos maiores do século das Luzes, permanecendo no entanto na sombra a sua vertente literária.

Vidas entrecruzadas no curso do tempo, obras entrecruzadas na sua circulação, Voltaire e Rousseau pela proeminência alcançada confluem para um confronto inevitável por eles próprios traçado. As suas obras para além dos meios usuais de difusão, chegam aos seus leitores, tantas vezes comuns, também através dos seus olhares. Por ironia, François-Marie Arouet e Jean-Jacques Rousseau que tanto se antagonizaram, acabam por funcionar afinal como veículos de difusão mútua. Autores de obras polémicas e inovadoras, ambos conhecem progressivamente uma perda de acção actuante e um processo de mitificação que os consolida enquanto marcos culturais da Europa de Setecentos. Assim, o confronto Voltaire-Rousseau torna-se *leitmotiv* quase obrigatório em toda a recepção destes escritores e é um destino a que dificilmente ainda hoje os estudos críticos fogem, pois faz já parte da retórica cultural identificar o século XVIII como “o Século de Voltaire e de Rousseau”.

Fátima Outeirinho  
Universidade do Porto

## NOTAS

(1) BRITO, Ferreira de — **Voltaire na Cultura Portuguesa. Os Tempos e os Modos**, Porto, NEFUP, 1991.

(2) TROUSSON, Raymond — **Rousseau et sa Fortune Littéraire**, Paris, A. G. Nizet, 1977, p. 17.

(3) Com efeito, Voltaire só repara verdadeiramente em Jean-Jacques neste momento, apesar de Rousseau já lhe ter enviado, em Janeiro de 1756, uma missiva em que procurava desfazer um possível equívoco que se tivesse gerado quando de uma alteração entre Voltaire e um certo Pierre Rousseau. Jean-Jacques Rousseau, como refere Jean Starobinski na recensão crítica intitulada *Rousseau et Voltaire*, in "Critique", Paris, nº 449, oct. 1984, p. 763, Rousseau — dizíamos — traça o seu próprio retrato, ao mesmo tempo que denuncia a homonímia existente entre ele e um certo Pierre, a qual poderia ter levado a uma errada identificação da pessoa por parte de Voltaire.

(4) Carta de 30 de Agosto de 1775, parcialmente reproduzida por Raymond Trousson na obra já citada, p. 162.

(5) Jean Starobinski defende, no artigo citado, que a existência de uma escrita autobiográfica em Rousseau se deve também a Voltaire. Voltaire seria para Jean-Jacques uma imagem obsessiva, e a não aceitação por parte de Voltaire deste personagem tão singular e por isso incómodo, terá funcionado como elemento gerador de uma escrita introspectiva rousseauiana.

(6) Cf. BRITO, Ferreira de — **op. cit.** Ajuizar de uma situação equivalente relativamente a Rousseau é tarefa que intentaremos levar a cabo em trabalhos posteriores.

(7) MARQUES, Adelaide Salvador — **A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional. Aspectos da Geografia Cultural Portuguesa no Séc. XVIII**, Coimbra, Sep. do "Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra", vol. XXVI, 1963, pp. 47-50.

(8) RAMOS, Luís A. de Oliveira — **Da Aquisição de Livros proibidos nos fins do século XVIII (Casos Portugueses)**, Porto, Sep. da "Revista da Faculdade de Letras" da Universidade do Porto, Série de História, vol. IV, 1974.

(9) O texto de Rousseau *Pygmalion* não foi por exemplo proibido porque é talvez um dos seus poucos textos que se integram dentro de uma literatura considerada inócua, o que de resto acontece com algumas obras de Voltaire.

(10) **Edital da Real Meza Censoria**, 24 de Setembro de 1770, in R. M. C., pasta 1 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, p. 2.

(11) **Rousseau e a Revolução Franceza**, in "Archivo Pittoresco", Lisboa, nº 31, Jan., 1858, pp. 249-252.



(12) SOUTO-MAYOR, D. Miguel — **Bernardin de Saint-Pierre**, in "Archivo Pittoresco", Lisboa, nº 17, Out., 1858, pp. 130-133.

(13) BRAGA, Teófilo — **Diderot**, in "Revista de Estudos Livres", Lisboa, Nova Livraria Internacional Editora, 1884, pp. 530-531.

(14) A propósito da tradução da obra voltairiana, consulte-se o estudo de Ferreira de Brito por nós já citado, em particular o capítulo intitulado "A Voltairomania em Portugal".